

DE LIVROS

Para crítica nesta secção devem ser-nos enviados dois exemplares de cada livro à parte as ofertas pessoais.

Aos trabalhos de que só recebermos um exemplar apenas será feita uma ligeira referência apreciativa no nosso «Panorama literário».

Traço d'união, por Mário Mota.
Edição mocidade académica (1936).

ESCREVEU Junqueiro que «o poeta tem obrigação de ser um homem do seu tempo. É necessário que as suas odes, isto é, que o seu sentimento esteja exactamente paralelo aos resultados científicos». E o sentimento não está em relação — julgo eu. — com as longas cabeleiras românticas, pálidos rostos ou fundas olheiras, de tantos poetastros, que pululam por aí, como mosquitos em terreno pantanoso.

O poeta traduz emoções recebidas, conforme a sua sensibilidade de artista; ora o homem de hoje, compreende e sente os *factos* duma maneira diferente do homem de ontem. Daí, novos rumos à poesia. E da poesia moderna — cujo fulcro principal é a emoção e a imagem — vão surgindo os primeiros ensaios.

Traço d'união é um trabalho dum novo, que fugindo a influências doentias, nos deixa a impressão de que soube compreender a linha evolutiva da poesia moderna. Seus versos giram em tórno do tema eterno — quasi forçado — da maioria dos poetas: o «Amor». Mas Mário Mota conseguiu colorir seus poemas com o dinamismo e vigor, que o coloca fora da rotina.

Gostamos principalmente do seu poema, *reticências*, onde diz:

Perguntas
se te amo?
Não sei ainda!
Não vês,
como estou indiferente
sem nada dizer...
gostando d'amar
e ver-te sofrer?...

Anuncia-nos Mário Mota novos ensaios, e esperamos que continuem a ser «o grito vibrante duma alma juvenil a libertar-se das acerbas grilhetas do marasmo que predomina sobre a mocidade vintista», como afirmam Gentil Marques e Leão Penedo.

L.V.

“As pobres Suzanas,”

O novo romance de Manuel de Campos Pereira é uma obra de beleza integral: há a verdade na descrição do fundo dos personagens, há a bondade no ataque ao flagelo que o preconceito representa e há, a emoldurar tudo, o descritivo aliciente e encantador, num lirismo de ternura que envolve a mártir em aureóla soberba.

Obra de tese e d'irã de combate, este novo trabalho do autor de *O Direito de Amar* possui deliciosas qualidades, já pela trama que se orienta em acção segura, já pelo justo vinco das figuras e já pela plasticidade e entoação duma prosa

RAPSÓDIA

«Um dia há-de Abel matar Caím
E os meus anjos hão-de morder lobos, —
Enquanto a lua, pálida e silente,
Boiar nos altos céus, como num lago...»

Um dia há-de o luar comer as pedras
E pizaremos nós todos só luar...
E a lua há-de entrar, por nossos pés,
No corpo todo, e corroer a própria Alma...
Então, os nossos crimes e virtudes
Serão, sómente, aspectos do luar...

Um dia, há-de a vida apodrecer,
E a morte morrer de não matar...
E o meu Poeta doente e mal cuidado
Em vez de inúteis versos, fará vermes...»

Assim, disfarço e me finjo,
Assim, rólo no meu lôdo.
Mas quanto a mim mais me cinjo,
Mais me afasto de mim todo. —

«Altas noites, estremêço,
Pizo vidros no meu leito
E mordo no próprio peito
E rasgo os olhos e peço:
— Aqui me tens, Senhor Deus!
Abre-me as portas dos céus!
Deste-me a taça maior
Das glórias e revezes;
Eu? bebi o mel, Senhor!
Mas não sei beber as fezes...»

— Na cisterna do meu Quarto,
Cai a chuva do silêncio.

António Marques Matias.

Do livro «Epoeias», a sair.

refinadamente lírica e crelo que justamente sentida.

«As Pobres Suzanas» — é a epopeia da mulher que, dando numa noite da sua mocidade ouvidos atentos ao Eros perturbante, maculou a insignificância duma membrana e não encontrou mais quem a compreendesse como ser igual aos outros, no seu valor afectivo e sentimental, e de deslize em deslize, de embate em embate, foi cair no mercenarismo, embora mantendo uma beleza e grandeza ocultas na vulgar tragédia que vive.

O enredo é bem ligado, os personagens bem desenhados e a figura de Suzana adquire um fulgor de santidade, o que é precisamente um dos triunfos do autor. Apenas, o autor que se orienta sempre por um pensamento de suavidade e de ternura força ao pintar a figura de Eugénio, à qual não queríamos ver dada uma feição delituosa ou criminosa, mas simplesmente e fatalmente humana. Como digo o autor força ao pintar essa figura, levado um tanto, crelo, pela paixão posta na edificação da sua mártir. É esta obra uma das que deve e pode ler-se.

J. S. L.